

Btca MYM
Folheto AmM
0036

Almoço em Homenagem ao Jurista Bernardo Cabral

*Por ocasião da Outorga do Título de
Doutor Honoris Causa,
concedido pelos Conselhos Superiores
da Universidade Federal
do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO*



Rio de Janeiro, 20 de Maio de 2005



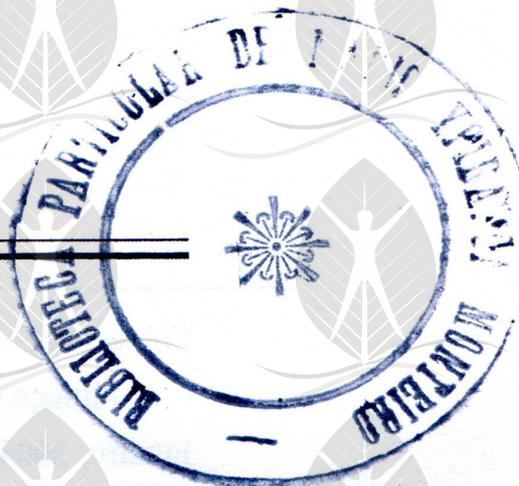
Confederação Nacional do Comércio

Almoço em Homenagem ao Jurista Bernardo Cabral

*Por ocasião da Outorga do Título de
Doutor Honoris Causa,
concedido pelos Conselhos Superiores
da Universidade Federal
do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO*



Rio de Janeiro, 20 de Maio de 2005



Confederação Nacional do Comércio

AmA
0036

Confederação Nacional do Comércio

Brasília

SBN Quadra 1 Bloco B nº 14º, 15º ao 18º andar

Edifício Confederação Nacional do Comércio

CEP 70041-902 Brasília

PABX (61) 3329-9500 | 3329-9501

E-mail: cncdf@cnc.com.br

Rio de Janeiro

Avenida General Justo, 307

CEP 20021-130 Rio de Janeiro

PABX (21) 3804-9200

E-mail: cncrj@cnc.com.br

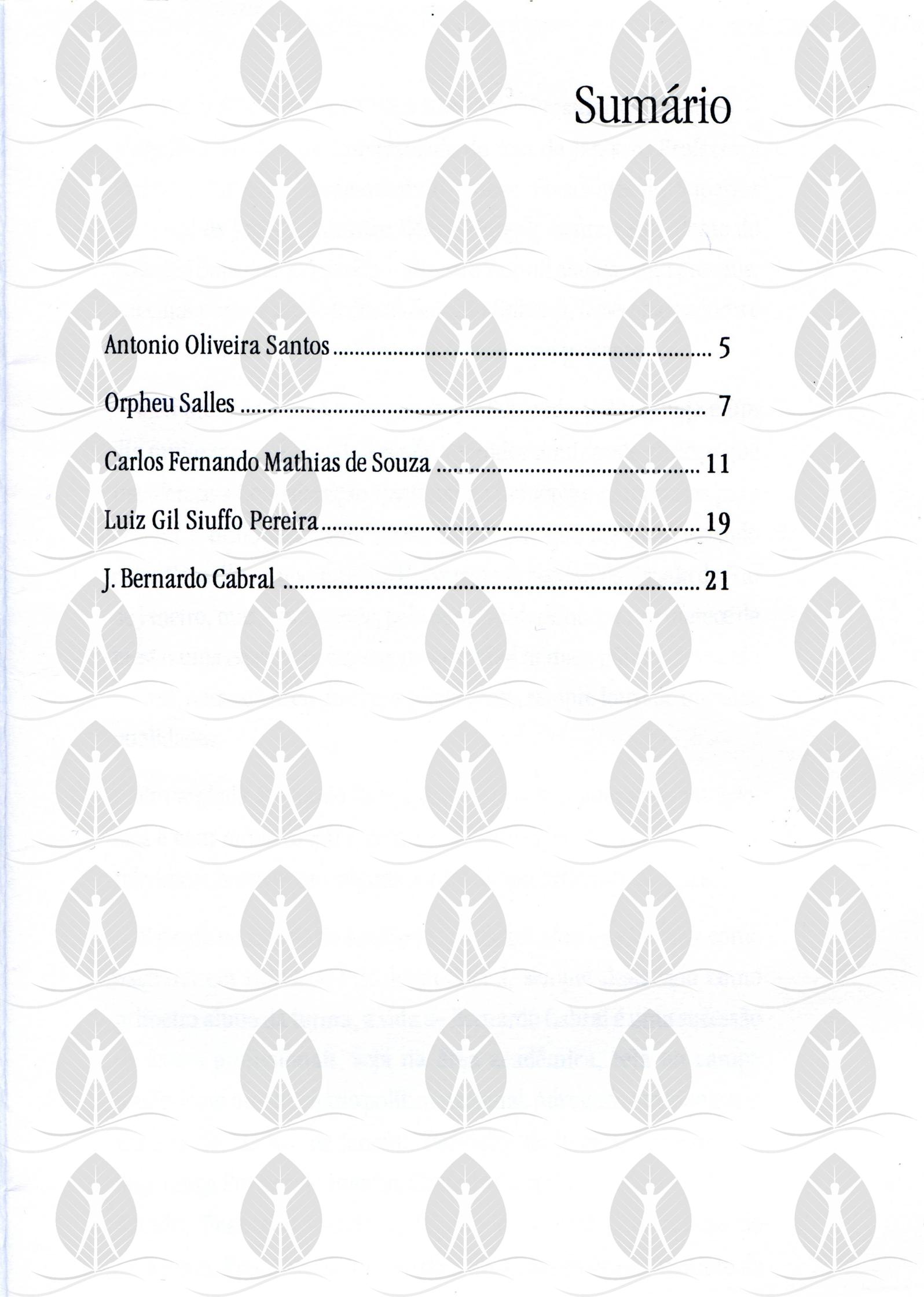
Projeto Gráfico: SDI/Unidade de Programação Visual

Confederação Nacional do Comércio

Almoço em homenagem ao Jurista Bernardo Cabral. – Rio de Janeiro, 2005.

28 p.

1. Bernardo Cabral – Homenagem.



Sumário

Antonio Oliveira Santos 5

Orpheu Salles 7

Carlos Fernando Mathias de Souza 11

Luiz Gil Siuffo Pereira 19

J. Bernardo Cabral 21

O SR. ANTONIO OLIVEIRA SANTOS (Presidente da CNC) – Magnífica Reitora da Universidade do Rio de Janeiro, Professora Malvina Tuttman; excelentíssimo senhor Presidente do Superior Tribunal de Justiça, Ministro Edson Vidigal; senhor Presidente do Tribunal Superior do Trabalho, Ministro Vantuil Abdala, aqui presente, em cujas pessoas saúdo todos os demais Ministros, Desembargadores e amigos do nosso Senador Bernardo Cabral aqui presentes.

Meu prezado amigo e companheiro Bernardo Cabral, hoje é um dia muito especial para todos nós, reunidos aqui, neste almoço que lhe oferece a Confederação Nacional do Comércio, não apenas para festejar o título de *Doutor Honoris Causa*, que lhe foi concedido pelos Conselhos Superiores da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, mas, igualmente, pela oportunidade que se nos oferece de prestar uma especial homenagem ao notável homem público Bernardo Cabral, nosso querido amigo, aqui presente, sempre louvado por suas qualidades.

Em verdade, Bernardo Cabral dispensaria qualquer apresentação. Mas é com muita alegria, com muita satisfação que eu gostaria de relembrar, brevemente, alguns pontos de sua brilhante carreira.

Nascido no Estado do Amazonas, onde estudou e se formou como bacharel em Direito e Psicologia Social, sempre destacado como primeiro aluno da turma, a vida de Bernardo Cabral é uma sucessão de êxitos profissionais, seja na área acadêmica, seja no campo profissional ou no cenário político nacional. Advogado em Manaus e, mais tarde, no Rio de Janeiro, Promotor de Justiça, Secretário de Segurança Pública do Interior, Chefe da Casa Civil do Governador do Estado, Deputado Estadual, Deputado Federal pelo Estado do Amazonas, Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Membro da

Academia Amazonense e também da Academia de Letras Jurídicas e da Academia Internacional de Jurisprudência e Direito Comparado, Professor Honorário da Universidade Tel Aviv, Israel, Ministro de Estado da Justiça, Senador da República, Emérito Relator Geral da Assembléia Constituinte, de que resultou a Constituição Federal de 1988, entre muitas outras destacadas funções, que não cabem no espaço desta breve saudação. Os senhores vêem a riqueza do currículo do nosso querido amigo, Bernardo Cabral, hoje homenageado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Meu prezado amigo e companheiro Bernardo Cabral, em meu nome e da Confederação Nacional do Comércio, desejo expressar nossa alegria e satisfação nesta oportunidade que nos permite manifestar integral solidariedade ao justo e merecido título que lhe foi concedido pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Com esta homenagem, meu caro Bernardo, aceite o nosso fraternal abraço. E muito obrigado a todos vocês.

O SR. ORPHEU SALLES – Meus senhores e minhas senhoras, é com satisfação que ocupo este microfone. Desejo cumprimentar, primeiramente, esta figura excepcional, a Reitora Malvina, que nos propiciou ter o nosso amigo Bernardo Cabral como *Honoris Causa* da Universidade do Rio de Janeiro. Portanto, é em nome dela, como firme defensor do feminismo, que cumprimento a todos os presentes aqui nesta festividade.

Há um poema de Humberto de Campos sobre o Uirapuru que diz: “O Uirapuru quando canta, todos os outros pássaros na floresta se quedam em silêncio”. Hoje, ouvimos o Bernardo Cabral e o Aurélio Wander Bastos em suas magníficas expressões, que nos deleitaram a todos. Portanto, eu quase deveria fazer como aquele passaredo, que, quando ouvia o Irapurú, se calava, ou, então, como Camões, quando disse que “Todos aqueles que quando vêem uma pessoa de mais condições devem, também, se calar”. É aquele primeiro poema de Camões, que diz: “Cessa tudo quando a antiga musa canta, quando um outro valor mais alto se alevanta”. Quem são esses valores? É o Cabral, com todas as honrarias que ele merece, e ainda vai merecer muito, aqui.

É o Aurélio, que revirou as folhas do tempo para mostrar àqueles que não conhecem as grandes qualidades do nosso querido Bernardo Cabral.

Estamos aqui para quê? Estamos aqui para homenagear aquele que já é o grande homenageado. Toda a vida de Bernardo Cabral é impregnada de louros, de homenagens, de satisfação. Tenho certeza de que o Bernardo Cabral, toda noite, ao dormir, diz: “Cumprido a

minha obrigação. Deus, muito obrigado”. Porque o que ocorre é o seguinte: dizem que Deus é bom para com todos. Mas não é para com todos, não, porque eu tenho certeza de que, quando Cabral nasceu, aqueles que nasceram juntamente com ele foram desprestigiados, pois toda a inteligência e a cultura passaram para Bernardo Cabral. Tranqüilamente, isso aconteceu.

Estive algumas vezes em Manaus. Em uma delas, fui convidado pelo Cabral e pelo Presidente do Tribunal de Justiça para a inauguração da reforma do Tribunal. Eu inquiri o então Presidente: “Percorri toda a obra e não vi nenhuma estátua.” Ele disse: “Estátua de quem?” Eu respondi: “Do Bernardo Cabral” — porque o Bernardo Cabral merecia uma estátua lá. Aliás, um outro me disse: “Não, não merece não. Bernardo Cabral não merece estátua porque ele é a própria estátua andante”.

Duas coisas são importantes para todos nós que somos amigos do Bernardo Cabral. Eu não sou amigo do Bernardo Cabral; sou um companheiro. Às vezes, eu me achego a Bernardo Cabral porque, por osmose, consigo captar dele aquela inteligência, aquela cultura que ele tem e que derrama em todos nós. Bernardo Cabral é mais que o Uirapuru; Bernardo Cabral é mais do que a inteligência que podemos compartilhar com as pessoas, porque, além de tudo, ele é amável, é bom, é sereno e transmite aquilo que gostamos de ouvir, que são as coisas boas. Nunca vi o Bernardo Cabral se exaltar contra alguma coisa, a não ser no período militar — desculpem-me; estamos hoje, aqui, com uma presença exponencial do Exército Brasileiro, que é o General Leônidas, a quem devemos a tranqüilidade do Governo democrático, pois, não fora ele, tenho a impressão de que, talvez,

tivéssemos uma coisa diferente, e não teríamos a democracia tão próxima que temos hoje. Temos figuras aqui que, se eu fosse enumerar, tenho a impressão de que ninguém almoçaria, e ficaríamos cansados, porque, cada um dos presentes aqui é uma página para a qual podemos olhar e dizer: “A história é que está aí. A história que vemos em todos.” Vejo, aqui, um jornalista que é um dos bravos jornalistas que temos. Às vezes, ele é irreverente, mas quero justificar a presença do Sebastião Néri, que é uma figura da qual todos gostamos e com quem aprendemos.

Temos de agradecer o que o Amazonas deu a este Brasil, pela grandeza daquele Estado. O Amazonas é até um excesso; é um excesso de tudo o que o Amazonas tem — o rio Amazonas, as florestas do Amazonas e a inteligência desses amazonenses que vieram para cá, como Bernardo Cabral. Temos esse Arcebispo, Dom Luiz S. Vieira, que também veio para cá. E pelo que o Bernardo Cabral diz, ele consegue demover até o diabo se aparecer na frente dele.

Bom, pouco tenho a dizer, porque, agora, não é hora de falar. Eu só queria dizer que temos, aqui, o meu caro Paulo de Tarso, uma das figuras que honraram o Itamaraty, e o Ministro Ernane Galvêas, que foi também um dos homens que trabalharam, lutaram para que este país pudesse mudar.

Temos, ainda, o Presidente da Confederação Nacional do Comércio, Antonio Oliveira Santos, que é um líder; o preponderante líder incentivador de toda essa flâmula de Presidentes de associações que neste Brasil engrandecem o comércio brasileiro.

Por isso, pouco mais tenho a dizer. Quero apenas desejar que todos

almocem bem e que tenham uma boa digestão, porque vocês tiveram e terão ainda do Bernardo Cabral aquilo que é mais do que uma sobremesa; é uma super sobremesa. Muito obrigado.

O SR. CARLOS FERNANDO MATHIAS DE SOUZA — Meu caro José Bernardo Cabral, ou, simplesmente, Bernardo Cabral, é com o maior prazer que lhe dirijo algumas palavras, brevíssimas palavras. Diziam que, na Roma Antiga, um leão ia atacar um cristão. Este disse qualquer coisa no ouvido do leão e o leão se recolheu e não atacou. César, então, mandou chamar o cristão e disse: “Dou-lhe o perdão, desde que me diga o que disseste ao leão.” Ele disse: “É simples. Eu disse: se me comeres, será um banquete, mas, depois, haverá discurso.”

Meu caro José Bernardo Cabral, ninguém pode ter um nome deste impunemente — chamar-se José, como o operário que chegou ao posto mais alto em todos os tempos; o carpinteiro José que educou Jesus. Bernardo tem o nome de São Bernardo, que cristianizou a Europa, e de Cabral, que descobriu o Brasil. Você só poderia ter ao seu lado uma *lady*, como você a chamou, a Zuleide Cabral, a quem dirijo e retribuo a saudação que você me fez em meu nome e no de minha mulher, Maria Luíza, com quem sou casado em regime de comunhão de dívidas e de afeto.

Pretendo falar, aqui, em nome do Judiciário, ao qual você sempre ajudou. Falo, portanto, em nome daqueles colegas que estiveram hoje lá; alguns em nível hierárquico mais alto, como Edson Vidigal, aqui presente — vou deixar por último —, o Humberto Gomes de Barros e o Vantuil Abdala, este grande Presidente de um tribunal que só poderia se chamar do Trabalho, porque, se há uma Justiça que trabalha é a Justiça do Trabalho, tão bem representada por este notável, que representa todos os juízes do Trabalho. É uma justiça na qual o povo acredita. Espero não estar criando problemas com os meus colegas da Justiça Federal.

Magnífica Reitora, os argentinos dizem: “Las Malvinas são argentinas”; e eu gostaria de dizer: “A Malvina é carioca; é do Rio.”

Se o senhor Arcebispo me permite, sem nenhuma irreverência, sou católico apostólico e romano, mas também sou carioca apostólico e romano, de um bairro não muito distante daqui, imortalizado nos versos de Vinicius, na canção que só poderia ser do tom maior, Antônio Carlos Jobim. E já falei no Dom Luiz Soares Vieira, pastor de todos nós. Arcebispo de Manaus, daquela Manaus que outrora foi administrada por um queridíssimo tio meu, Antovila Rodrigues Mourão Vieira – querido tio, que foi representante na Constituinte, em 1946, Senador da República por duas vezes pelo Estado; e o irmão, meu outro tio, veio para o Rio e muita gente dizia: “Seu tio mandou e desmandou no Rio de Janeiro.” Mandou, sim; desmandou, não, porque a família nunca foi chegada a desmandos.

Aqui, temos muitos representantes. Já houve quem dissesse que a emoção é um incêndio na lógica. Falo e saúdo, aqui, a diplomacia nesta figura extraordinária de Paulo de Tarso Flecha de Lima. E nós, cariocas, entendemos de flecha, porque o nosso patrono é São Sebastião, ao qual nenhuma flecha conseguiu matar. Teve de ser morto a pauladas, porque sabemos resistir. Não se enfrentam os cariocas impunemente, pois sabemos resistir.

Falo aos militares com o respeito devido, pois sou segundo-tenente da reserva não remunerada do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR). Não sou do Centro de Instrução de Oficiais da Reserva da Marinha (CIORME), como Arnaldo Niskier; sou do CPOR do Rio de Janeiro; de São Cristóvão.

Então, somos dois. Daqui a pouco, dá para fazer um desfile, Senador.

General Leônidas Pires Gonçalves, hoje pela manhã, ouvi uma saudação de Aurélio Wander Bastos, um dos mais brilhantes alunos que eu já tive na minha Universidade de Brasília. Aurélio Wander Bastos, que eu tive a honra de fazer a recomendação, no momento que lhe dava muito trabalho, à universidade, e um momento difícil; não apenas tive de fazer a recomendação, mas também de conseguir um outro para recomendá-lo. E quero dizer que esse foi um grande serviço. Se prestei algum serviço ao País, foi nesse momento, que alguns consideravam um ato de coragem recomendar, não sei se o agitado ou o agitador Aurélio Wander Bastos para uma pós-graduação. Eu estava, na realidade, recebendo um chamado, como dizemos na nossa linguagem católica – permita-me, Dom Luiz –, para prestar esse serviço ao País, pois Aurélio Wander Bastos é um grande servidor deste país; uma grande figura, que, por onde passa, ilustra qualquer posto. Ele dignifica a cadeira em que se senta.

Vejo, aqui, à minha frente Arnaldo Niskier, meu antigo professor de matemática. De matemática! Secretário de Estado da Cultura da Academia Brasileira de Letras. Onde ele quer chegar, ele chega, porque, talento não lhe falta. Mentira, mas fui seu professor de matemática. Não julguem o professor pelo aluno. Ele era um excelente professor. Não é modéstia, mas o aluno era muito ruim mesmo.

A imprensa está aqui, com a presença do Sebastião Néri. É outra figura. Cada um de nós tem uma biografia em comum. E Sebastião Néri é um que veio à vida a serviço.

Magnífica Reitora, Vossa Magnificência tem lá, hoje, no decanato a Rosalinda Corrêa de Araújo. E por que digo Rosalinda? Porque todos temos o dever de corrigir esta falha do cartorário: não é Rosalina coisa nenhuma; é Rosalinda Corrêa de Araújo; linda por fora e linda

por dentro. E esse curso de Direito entregue a Rosalinda – ou, erroneamente, Rosalina – e a Aurélio Wander Bastos só pode ter um grande futuro. Não é uma promessa; não é uma esperança; é uma certeza.

No Judiciário, estamos acostumados a dizer: “Rosalinda Corrêa de Araújo e outros, como na capa dos processos.”

Ouvi, aqui, o Orfeu Sales, da Justiça e Cidadania, num discurso inspirado a respeito dessa revista que tanto divulga as nossas atuações.

Por último, quero saudar os comerciantes na figura do nosso anfitrião, o Presidente, Antonio Oliveira Santos.

E me permitam citar, também, um outro ex-aluno, o Adelmir Santana, meu aluno ainda do elefante branco lá na cidade de Brasília.

E por que deixei os comerciantes por último? Porque descendo de um comerciante – o meu saudoso avô, Alcino Moraes, que veio para o Rio de Janeiro. Certo dia, um sujeito desancava os atravessadores da Rua do Acre e, quando me viu, disse: “Desculpe, eu falei mal dos atravessadores da Rua do Acre”. Eu disse: “Não, a mim você não ofendeu, pois sou neto de um atravessador da Rua Primeiro de Março.”

Queridos amigos, querida Reitora, Vossa Magnificência deve ter tido a consciência de que valeu homenagear o Bernardo Cabral, que é um imã. Por que é um imã? Porque atrai. E atrai o quê? Atrai a diplomacia brasileira, os militares, a cultura, a inteligência, o Brasil, porque ele é um exemplo. Esse homem tem a força da Amazônia; ele vem de um enorme rio. Vossa Magnificência, que é da Unirio, há de ver que o seu Rio, hoje, fica também grande; fica com a força das águas ao absurdo, como dizia o poeta Ramayana de Chevalier, médico, coronel da Polícia Militar, jornalista e grande poeta. Aurélio, hoje

pela manhã, falava no patchuli, sentindo a força da Amazônia. Eu acrescentaria ao patchuli o tucunaré e o cupuaçu. Lembro-me que a parte amazônica da minha família ficava muito excitada quando chegava um tucunaré, um pirarucu; quando chegava um pouco de cupuaçu. Era quase um ponto de honra saber se estava-se ou não se estava convidado. Eu só vim conhecer o tucunaré depois. Felizmente, eu só vim conhecer o tucunaré quando já conhecia esta figura extraordinária, o grande filho, não do Solimões apenas, não do rio Negro, mas, voltando, dessas águas ao absurdo, como dizia Ramayana de Chevalier: Bernardo Cabral. José Bernardo Cabral é um homem que veio à vida literalmente a serviço. Aliás, competir com Bernardo Cabral é competir para o segundo lugar, porque o primeiro lugar, em qualquer condição, é dele. E não vou citar aqui exemplos, pois alguns que ousaram são meus amigos. Se tivessem me consultado, eu teria dito: “Não concorra; a não ser que você tenha vocação para ser *hors concours*.”

Ainda recentemente, um colega meu, Vallisney, perguntou-me se eu poderia rabiscar alguma coisa em relação ao Bernardo. Ele perguntou: “Você pode escrever duas páginas sobre Bernardo?” Eu disse: “É pouco.” Escrever duas páginas sobre ele não é pouco; é muito pouco. Bernardo é um gigante; é telúrico. Bernardo tem a dimensão da Amazônia. É um homem que sabe das coisas com grande senso de oportunidade; com senso de como as coisas devem ser.

Quero dizer ao meu querido amigo Vantuil Abdala, Presidente do Tribunal Superior do Trabalho (TST), que Bernardo ajudou o Judiciário em todos os pontos. Certa vez, o tribunal precisava efetuar a instalação de algumas Varas. Diziam: “Mas essa Vara está há três anos!” E eu disse: “Vocês estão me procurando agora por quê?” Porque o Senador Bernardo Cabral perguntou: “Como é que vai o meu amigo

Carlos Matias?” Por isso me escolheram. E eu exerci aquela função de despachante com grande prazer. E o Bernardo, em menos de 48 horas, deu ao País diversas Varas. A Justiça Federal da 1ª Região, portanto, deve a Bernardo Cabral esse serviço de levar a Justiça ao povo, o que ele fez com grande sensibilidade. Volto, aqui, ao discurso do Aurélio, que disse: “Salvo nas universidades públicas”. Ele não precisava fazer nenhuma restrição, porque todas as Varas são públicas.

Meu querido Bernardo Cabral, você não é um descobridor; você não é uma descoberta; você é o retrato deste Brasil. Todos nos sentimos representados em você.

Certa vez, tive a oportunidade de fazer um encontro em sua homenagem, no qual eu disse: “Ele é tão conciliador que vamos ter duas mesas – uma azul e outra vermelha – em homenagem ao garantido e ao caprichoso”, porque você representa a unidade nacional. Você representa o que o Brasil tem de melhor.

Não vou me alongar, queridos amigos. Hoje eu recebia os estudantes. Quando fui lá recepcionado, disseram: “O senhor, aqui, é desembargador”. Eu disse: “Não vim como desembargador. Se a Dona Zuleide me permite, vim aqui como membro suplente do fã clube de Bernardo Cabral. E toda a família Matias de Souza tem um grande prazer de estar neste fã clube, em respeito, em admiração e como cidadãos em gratidão pelo trabalho que ele fez.

Meu caro Presidente da Confederação Nacional do Comércio, Antonio Oliveira Santos, no desalinho dessas palavras, vai um depoimento muito sincero de um neto de um antigo comerciante que, hoje, presta os serviços que pode à Igreja, porque o meu avô, antigo seminarista, não pôde prestá-los. Então, na linguagem do General Leônidas Pires Gonçalves, faço-o em ressarcimento de

preterição; é aquilo que não se pôde servir.

Meus amigos, meu querido Ministro, colega e amigo – colega em termos, porque ele é Ministro e eu sou juiz de um tribunal médio, que é o Tribunal Regional Federal, mas grande amigo Vantuil Abdala, espero que no desalinho dessas palavras, vá aqui a palavra de quem foi mau aluno de matemática do Arnaldo Niskier e mau orador numa Casa de tantos oradores – e depois de um grande orador como Bernardo Cabral. Santo Agostinho dizia: “Quem canta reza duas vezes”; quem ouve Bernardo Cabral reza mais do que duas vezes. Tenho dito.

O SR. LUIZ GIL SIUFFO PEREIRA (Diretor 1º Tesoureiro da CNC) – Magnífica Reitora Malvina Tânia Tuttmann, senhores Ministros, demais autoridades, eu não ousaria acrescentar mais nada a tudo o que foi dito aqui sobre a personalidade de Bernardo Cabral. Estivemos, pela manhã, ouvindo pronunciamentos que, realmente, nos deixaram emocionados. Saímos da casa da cultura e, agora, estamos aqui, na Casa do Comércio.

Gostaria de dizer, apenas, do apreço que esta Casa tem, em particular o nosso Presidente, Antonio Oliveira Santos, pela legalidade. Exatamente por isso é que o Dr. Antonio Oliveira Santos foi buscar o Bernardo Cabral. O Presidente Dutra tinha sempre em mãos o livro que ele chamava de o “Livrinho da Constituição”. O Antonio fez mais. O Antonio tem a Constituição ao seu lado. Por isso trouxe o Bernardo Cabral; para ter acesso a ela a qualquer momento.

Bernardo Cabral, todos nós aqui da Casa sentimos, realmente, uma firmeza, uma segurança enorme em saber que você está do nosso lado. Até porque se o Sistema S, hoje – em particular o Sesc e o Senac –, continua prestando essa assistência social, esse serviço maravilhoso a milhões de jovens brasileiros, isso é graças ao seu reconhecimento como relator da Constituinte.

Quero deixar, aqui, o nosso agradecimento e dizer que, hoje, realmente, foi um dia muito feliz; um dia em que eu aprendi muito. Foi um dia em que, realmente, senti até grandes emoções.

Muito obrigado. Desejo, realmente, que você continue ao nosso lado, como sempre esteve.

O SR. J. BERNARDO CABRAL — Meus amigos, dizem que quando você caminha numa estrada e quer atingir ao objetivo, vê à sua frente uma placa de pedágio. Aí você passa com o seu veículo e paga o pedágio. O que vejo é que vocês estão pagando o pedágio de me ouvir para poder participar do almoço. Há uma regra na oratória que diz: se você fala antes do almoço, acaba perturbando o apetite daqueles que estão querendo ver o alimento chegar; se é no meio, já atrapalha o almoço. E ao final? Ao final, é a digestão, que você não faz porque ainda existem oradores.

É como eu me encontro aqui, hoje. Para mim, é uma grata surpresa. Eu dizia à minha mulher, Zuleide, como nós vimos o discurso de improviso da nossa Reitora, que justificava para mim o seu nervosismo natural, inclusive na troca do nome, absolutamente justificável. Quem preside uma solenidade daquela natureza precisa ter muito sangue frio para não se emocionar. Não por mim, pelas minhas palavras, e, sim, pelo Aurélio, que tem as cinco vogais no nome e que fez um belo discurso. Abusou.

Agora, vejam: neste minuto, aqui, começa o nosso Presidente, Antonio Oliveira Santos, supondo que eu estou bem porque o nosso cardiologista da Casa, Dr. Alexandre Marca, está aqui — o meu cardiologista particular, que é o Mário Ipiranga Monteiro Filho, também; mas eu começo a ratear. Não tem como. Você não pode suportar ver que alguém, como o nosso Antonio Oliveira Santos — e disse muito bem o nosso Gil, o Dr. Gil Siuffo, que é o Diretor Tesoureiro da Casa, ao falar por penúltimo dos bons oradores, porque agora sou eu o último e dos piores — que o Antonio conseguiu trazer a Constituição para casa. Eu complemento: ele trouxe, primeiro, a segurança. Vejam bem o que lhes digo: trouxe uma coisa difícil de se estabelecer no comércio, na indústria, em qualquer atividade; trouxe a segurança

das finanças; trouxe Ernane Galvêas, que foi Presidente do Banco Central, da Cacex, Ministro e que hoje trabalha para poder sustentar a família, muito diferente dos que pegam cargo público para engordar a sua conta bancária; trouxe, primeiro, o Ernane e, a seguir, a mim, pois o Antonio tem uma capacidade incrível de aliciar os bons amigos. Ele reúne isso com uma facilidade enorme. É uma capacidade atrativa. Somos os únicos dois ex-Ministros na Casa. Não sei se a mim por uma qualidade de depuração. O Galvêas, sim. Mas as nossas portas ficam sempre abertas. Ele fica me ensinando finanças e eu, com dificuldade de dizer alguma coisa do Direito Constitucional, porque ele já sabe disso; não há, portanto, uma equivalência. E o Antonio, não satisfeito com isso, traz o nosso Ministro Vantuil Abdala, meu amigo querido, que fez uma reforma no Tribunal Superior do Trabalho. Estivemos juntos nessa reforma. Traz ainda o Desembargador Carlos Fernando Matias de Souza. Este é o seu nome completo. Belíssimo orador. E a mulher, Dra. Maria Luíza, é médica; e ele sabe que, tendo uma mulher médica, tem de ter um companheiro querido como eu, advogado, porque o advogado é o cirurgião plástico do fato e, com isso, manda, determina, porque quem está em cima sabe que de juiz para juiz, numa linguagem comum, você manda carta precatória. É a carta precatória. Mas quando você é Ministro, para o inferior, manda carta de ordem. Ele mandou uma carta de ordem para o Carlos Fernando Matias de Souza mostrar que é orador de todos os ângulos. Ele começa saudando as mulheres, dizendo que é defensor do feminismo; olha para mim e dá uma piscada, como quem diz: “Tomei o teu leme agora”. E foi de uma beleza rara, raríssima, o discurso do nosso Carlos Fernando Matias de Souza. Ele disse ao Dom Luiz que ele era católico praticante; e este ouviu o meu querido Carlos Fernando Matias com tanta atenção que senti que ele gostaria de ter feito o

discurso de joelhos, porque foi uma oração. Foi uma oração com que ele nos presenteou. Foi aquilo que ele propiciou a todos aqui. Na hora que ele disse que tinha sido aluno de matemática do Arnaldo Niskier, uma ciência exata, ele estava querendo dizer não que o Arnaldo fosse mais velho do que ele, mas que ele foi um aluno precoce. Foi assim que entendi.

De modo que a sua oração, Carlos Fernando, foi além do que seria possível. Você passeou pela mesa com todos os jeitos. Contou a história do nosso diplomata, do nosso querido amigo Paulo Flecha de Lima. Paulo é meu amigo de mais de quarenta anos. Começamos na vida pública jovens; ele, já diplomata, era Chefe de Gabinete do Governo do então recente Estado da Guanabara, Embaixador, Sete Câmara; e eu, Chefe de Gabinete do Governo no meu Estado. É uma amizade que tem sido suficientemente forte para vencer o tempo, a distância e o silêncio.

Passou por Leônidas Pires Gonçalves e não contou a história completa que lhes conto agora. Na madrugada de Brasília em que o Presidente Tancredo Neves não pôde assumir, havia, no panorama político brasileiro, uma interrogação, como se fosse aquele poema do Drummond: “E agora José?” Foi este homem que está ali — Ali! — que resolveu. Ulisses presente e alguns poucos amigos dizendo que o Sarney teria de assumir. E o Sarney — não sei se tremia de emoção ou pela responsabilidade do cargo — não queria fazê-lo. E foi Leônidas Pires Gonçalves — aquele meu amigo major que eu conheci em 1961, ele da Casa Militar do Presidente da República, eu, Secretário do Interior da Justiça — que, depois de comandar a Amazônia, sentiu que não era possível, naquele minuto, que o Brasil ficasse entregue a um tropeçar pelo meio do caminho. Poucos sabem dessa história. Hoje, o meu querido amigo Aurélio Wander Bastos lhe fez uma justiça, na qual

todos nós sucedemos, porque poucos conhecem essa história de perto. E foi aí, mais uma vez, que a figura de Antonio — o nosso Antonio Oliveira Santos, que, na nossa linguagem, os que estão mais perto dele, como Cid Heraclito, Lenoura e Cléa, registramos apenas A.O.S. — trouxe, ainda, o nosso Ministro Leônidas Gonçalves para integrar o nosso Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio.

De modo que estamos aqui numa família; uma família reunida. Alguns pegam um avião e vêm de Brasília correndo, sôfregos, como Simão Sessin. Meu amigo querido, Deputado Federal, brigou pela minha eleição para relator da casa e, hoje, é, sem dúvida nenhuma, daqueles que contribuem para o Sistema S.

Devo terminar. Acho que a história que o nosso Desembargador contou, de falar ao leão, é rigorosamente verdadeira. Ele sabe quem era o leão e quem era ou quem ia ser trucidado pelo mesmo. Quero dizer ao Carlos Fernando que leve, em nome da Zuleide e no meu, para a nossa Maria Luíza, com a qual os quatro, tantas vezes juntos, convivemos em Brasília, que o abraço é sincero. Diga a ela, por favor, Carlos Fernando, que se falou muito em rios. Você falou na Unirio, da nossa Magnífica Reitora, falou na ilha argentina Malvina, ela que é brasileira, diga que você viu, pela primeira vez, num orador, caboclozinho, de onde o seu tio foi senador, que ele era menino de dez anos e ficava numa fazendola do meu pai, olhando os rios passarem. À medida que os rios iam passando, eu não conseguia decifrar porque eles faziam uma série de contornos aqui e acolá. O meu velho pai, sempre com os seus conselhos — digo velho, mas deveria dizer saudoso, pois morreu na plenitude de seus 50 anos —, fez a seguinte observação: “Meu filho, os rios sempre atingem aos seus objetivos porque sabem contornar os obstáculos que surgem à sua frente.” E é verdade. Aqui há um orador primoroso, que é o José dos Santos Pereira Braga,

Presidente do Tribunal Regional do Trabalho, que sabe como é que isso acontece. Eu sou uma espécie de rio neste instante, porque estou tentando contornar os obstáculos com a minha apoucada inteligência para agradecer o que aqui foi dito.

Dom Luiz, o senhor veio de lá do meu Amazonas com esse meu irmão da vida inteira que é o Phelippe Daou. Não posso dizer, aqui, há quanto tempo, porque a Madalena, com quem ele está casado há menos tempo do que eu e a Zuleide, poderia reclamar, mas é tão amigo que trouxe com ele não um ramo de flores, e, sim, um jardim inteiro, trazendo a Madalena para estar junto com a Zuleide. E Dom Luiz veio nos abençoar. A verdade é essa. É o Arcebispo mais modesto, mais humilde que conheço. Quando vejo o Jair Coser aqui na minha frente – o maior exportador de café do mundo – e que me fala nas catedrais lindas que ele vê por aí afora, eu sempre penso no Dom Luiz, simples, modesto, como se fosse um santo. Ele é, realmente, um santo. O Orfeu Sales disse coisas maravilhosas no seu discurso. Orfeu é jovem. Do alto dos seus 83 anos, foi assessor do Getúlio no primeiro e no segundo Governo. Depois, por causa do Getúlio, foi preso. Na prisão, durante muitos meses, compôs, construiu, redigiu um dos poemas mais lindos que eu conheço, que li e que na interpretação dele se assemelha ao *Navio Negreiro*, de Castro Alves. E quando vejo, aqui, o Tiago, seu filho, continuando os seus passos, fico muito feliz, porque o meu filho Júlio está aqui comigo nesta mesa. E não digo que ele é a continuação dos méritos do pai, porque ele conseguiu superar o pai.

Chego ao final, Dr. Antonio Oliveira Santos, meu querido amigo de tantos anos, e minhas últimas palavras são para você. Líder – guarde isto de quem conviveu a vida inteira com a chamada liderança – não é aquele que chefia ou que comanda; líder é o que aglutina em

torno de si; é aquele que sabe que nenhuma liderança se afirma pela omissão. O que tem medo de decidir, o que tem medo de seguir adiante, o que tem medo de enfrentar obstáculos, será sempre um cidadão omissivo, subproduto do nada e do não. Não vai adiante, não conduz como deveria conduzir os seus liderados, os seus amigos, porque não tem qualidade para isso. Isso não se aprende na escola nem na universidade nem se tira diploma para tanto. Mas você nasceu com este signo da liderança, de comandar. Eu lhe disse uma vez, e volto a lhe repetir: só Antonio Oliveira Santos seria capaz de me cooptar para contribuir com o que tenho de melhor.

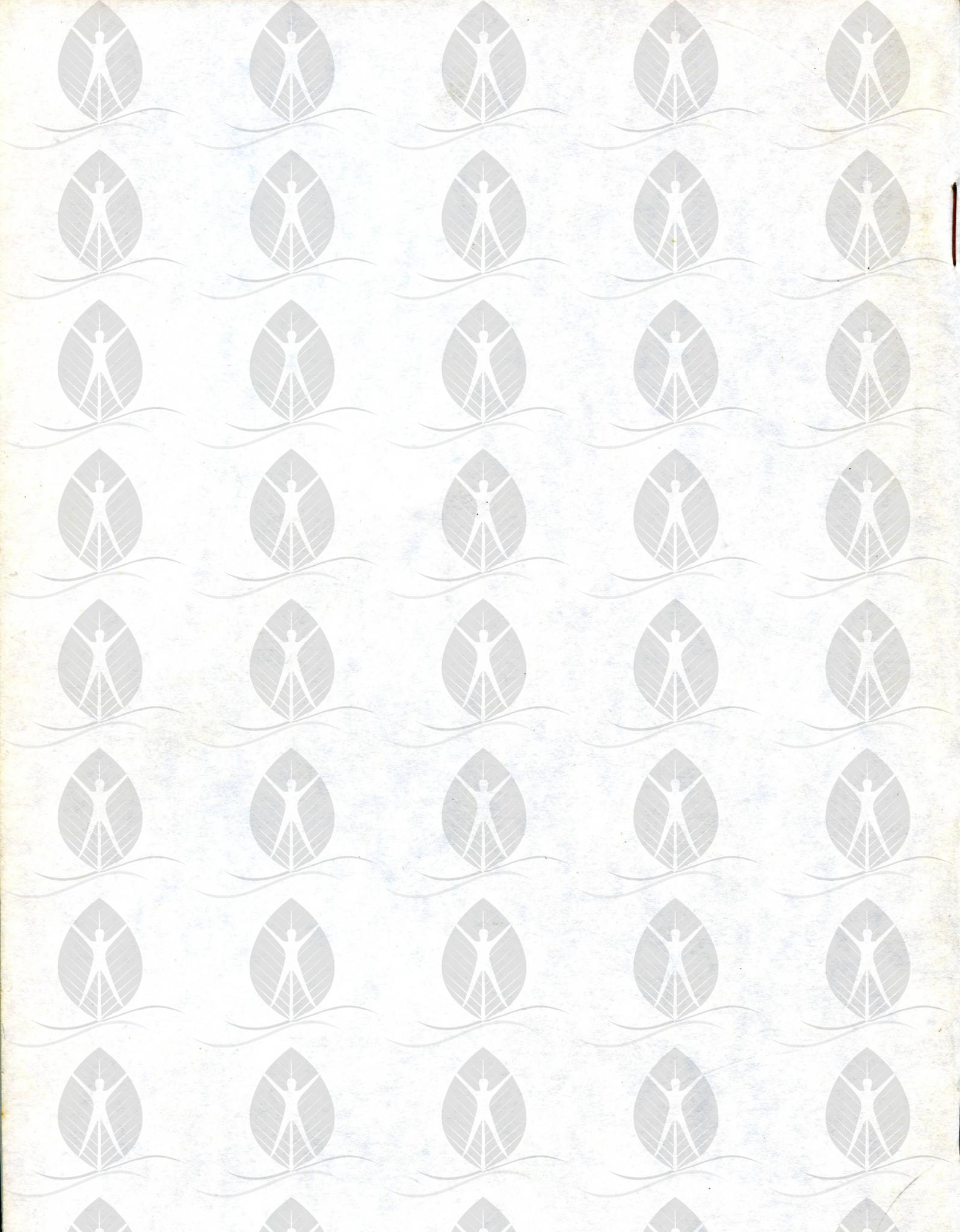
E hoje, como ressaltai ainda há pouco, são muitos os amigos que tenho aqui. Dos funcionários, eu não quero repetir, olho um por um, do mais graduado ao mais alto, ao filho do Antonio, o Armando, enfim, o que vai suceder a nossa Rosalina, ele disse que tinha de colocar o “d” de Linda, porque, se não colocasse o “d” ficaria Rosalina. Ele só esqueceu de dizer que “d” é “d” de deusa. Foi o que ficou faltando. Poucos sabem que a nossa Rosalina é a esposa do nosso Aurélio Wander Bastos, que aqui se encontra. Ele, lá na mesa principal, e ela, aqui, dividindo as honrarias com a Zuleide.

Meus queridos parentes, primos que aqui se encontram, Idálio, meu velho companheiro, desculpem se tive de atrapalhar o almoço. Mas aquele que não é grato, aquele que não põe para fora o que sente, aquele que não diz ao amigo Thiers Montebello: “Muito obrigado por você estar com a minha neta lá com você”, quem não diz isso de público não merece dos seus amigos nenhuma palavra. Como sou grato, são estas as palavras que eu tinha a dizer. Atrapalhei, ao final, a digestão de todos.

Dom Luiz, volte para Manaus. Sei que viajará daqui a pouco, a

partir das cinco horas, junto com os meus primos Angela e Mário.
Esteja certo, no entanto, de que, se o senhor chegou com Deus, não vai
levá-Lo, porque Ele vai ficar conosco neste dia.

Obrigado a todos. Um abraço.



Confederação Nacional do Comércio



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA